

Tristes apreensões de quem escreve para a frente da batalha

De António de Almeida

2.ª serie — N.º 502

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAHANIA

Trimestral	1830	1/3V
Semestral	2540	2/3V
Anual	4890	4V

Apresenta avulso, 10 centavos

# Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal

O SÉCULO

Lisboa, 4 de Outubro de 1915

Director: J. J. DA SILVA OLIVEIRA  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, Lda.  
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Cartão de subscrição: offensa de impressão e entrega  
RUA DO SÉCULO, 43



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 502

4-10-1915

*Dr. Bernardino Machado*

Quando se constituíram os partidos políticos da Republica, era cedo ainda para que essa organização de forças se fizesse em volta de principios diferenciados. Os valores politicos agruparam-se, não em volta de idéas, — mas em volta de homens. Os tres homens mais representativos da idéa republicana tornaram-se os centros de formação de tres sistemas de forças politicas: o «afonsismo», o «camachismo» e o «almeidismo». As irredutibilidades pessoais entre esses tres homens deviam fatalmente converter-se em irredutibilidades politicas entre esses tres partidos. Essas irredutibilidades profundas entre organismos cuja ação, apesar de oposta, tem de ser combinada e sinérgica e cujo mutuo respeito é necessario ao prestigio da propria Republica, não podia deixar de produzir — e tem produzido, de facto — graves embaraços na vida politica da nação. Ao eminente estadista, presidente eleito da Republica, que amanhã toma posse da mais alta magistratura do Estado, está reservada a nobre e delicada missão de converter n'uma realidade o mais difficil dos logares-comuns: a união da familia republicana.

## *A Guerra e a Paz*

Até á data em que escrevo esta «Cronica», as noticias do teatro occidental dão nos como certa a grande victoria franceza na Champagne, um avanço inglez na direcção de Loos, e ações belgas que determinaram a occupação de duzentos metros de trincheiras alemãs na margem do Yser. No teatro oriental, os exercitos russos recuam intatos, renovando a tatica de 1812; Gallipoli lampeja de baonetas; os Balkans agitam-se, hesitantes ainda, sob a ameaça tambem hesitante da Bulgaria. Essa irresolução, expressão da incerteza e do equilibrio instavel da politica balkanica, é a nota mais interessante do «momento europeu». Hesita Venizellos; hesita Radoslaivoff; a propria Servia hesita.

Porque teem medo da guerra? Não. Porque teem medo da paz. Esse pavor da paz d'amanhã — germen de novas guerras entre os Estados coalisados — começa a preocupar os espiritos. Constantinopla aparece ao longe, resplandecente como um mosaico doirado, coroada pelas cupulas sagradas de Santa Sofia e pelo castelo das Sete Torres. De quem virá a ser Constantinopla? Russa? Ingleza? Uma voz dolorosa

grita: — «Deus afaste a guerra!» E outra voz profetica responde: — «Deus afaste a paz!»

## *Eterno feminino*

As modas do outono! Mas, minha querida amiga, para que havemos nós de nos insurgir contra a moda, — se ela é tão rapida, tão impersistente e tão fugitiva? Tem razão: os casacos azul Nattier, azul Sèvres, loiro tabaco, vermelho ferrugem, largos, campanudos, com rodas enormes, parecem sinais com dois pésinhos a badalar dentro; os boléros, sugestões de Goya, d'uma duvidosa elegancia «garçonnière», irritam, enervam, contudem; os chapéus altos Thermidor, com a sua fivela e as suas fitas caídas, feministas, cubistas, futuristas, abominavelmente «Mistress» Pankurst, execravelmente «Miss» Robertson, furiosamente Théroigne de Méricourt, — dão vontade de bater nos figurinos Paquin, Redfern, Béchoff, Georgette, que, apesar da guerra, invadem as modistas de todo o mundo. Tudo é masculino: o «carrick», o boléro, o chapéu, os gestos, os caprichos, as infedilidades, — e o fumo.

Execravel. Mas que havemos nós de fazer, minha querida amiga, — se está absolutamente provado que a mulher é o unico defeito do homem?

## *Literatura e Arte*

A ultima semana evoca dois mortos: Ramalho Ortigão, principe dos escritores do seu tempo, que guardou até aos 80 anos a sua viril elegancia ingleza e que, ao local-o a morte, caiu magestosamente como um grande pinheiro secular, — e a Duqueza de Palmela, cujo busto de marmore, espiritalisação imortal d'um sorriso, acaba de sair das mãos maravilhosas de Teixeira Lopes. Perante o busto d'essa nobilissima mulher, que encheu com a sua graça e com o seu talento a segunda metade do seculo XIX, primavera eterna a que o genio d'um escultor deu a fluidez d'uma névoa e a imaterialidade d'um perfume, recordei a frase subtil de Fontenelle: — «O segredo da sua idade é o unico que as mulheres sabem guardar.»

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



# UM IRRESOLUTO EM AMOR

— Sim, homem! Todo o teu mal deriva de não teres arranjado ainda na vida uma emoção útil. Verdadeiramente, és um coração com escritos, á espera d'uma felicidade que o alugue e que n'ê se instale — dizia Jorge para Sebastião, n'essa tarde de calor, á sombra dos arvoredos sonoros da estancia termal em que veraneavam.

Sentado n'um banco, o chapêu de palha atirado para a nuca, a perna cruzada, mostrando a meia de seda preta mordida pela brancura dos sapatos de camurça, Sebastião seguia distraído as espiraes de fumo do cigarro que se dissipavam no ar morno, sem responder.

No parque, o silencio era profundo: e por entre a espessura das folhagens caia uma penumbra avegludada e suave. Um fio de agua cantava entre musgos verdes refrescando e enchendo a atmosfera do som das musicas flutuantes que, a certas horas do dia, parecem exprimir as infinitas saudades d'uma vida que se idealisa, mas que nunca se alcança.

— Tu não dizes nada, Sebastião? Fala, que diabo! N'estes momentos de tédio, a conversa sobre uma possivel ventura humana é saborosa.

— Ventura, felicidade!... — atalhou Sebastião indolentemente. Simples imagens literarias.

— Não existem, então?

— Com effeito, não existem... Ou, por outra, são puras illusões, alucinações dos sentidos, coisas vagas, imprecisas, irreaes.

— Os trinta anos mais pessimistas que eu conheço são os teus, de certo!... Experimenta, faz a viagem romantica ao Palacio Encantado...

— Não! — disse Sebastião arremessando a ponta do cigarro para as ervas. Não farei essa viagem, tão seguro estou de que nada encontraria. De resto, eu sou um temperamento falhado para a alegria, para o contentamento de viver. Hei de sofrer sempre, pelo menos moralmente. Sou um afetivo: e as organisações afetivas, os homens que vivem mais pelo sentimento do que pelo cerebro, serão continuamente infelizes. Só as naturezas frias, secas, foram talhadas para uma existencia venturosa.

— Creio, porém, que a tua enfermidade d'alma mais se exacerbará no isolamento — interrompeu Jorge. Os afetivos tem necessidade de dedicações á sua volta — para n'essas dedicações aspirarem a doçura, a graça, o repouso e a confiança espiritual...

— Certamente!

— Ora, porque não procuras uma d'essas mulheres que são verdadeiras flores pela pureza do sentimento, pela abnegação, pela dedicação e pelo sacrificio?

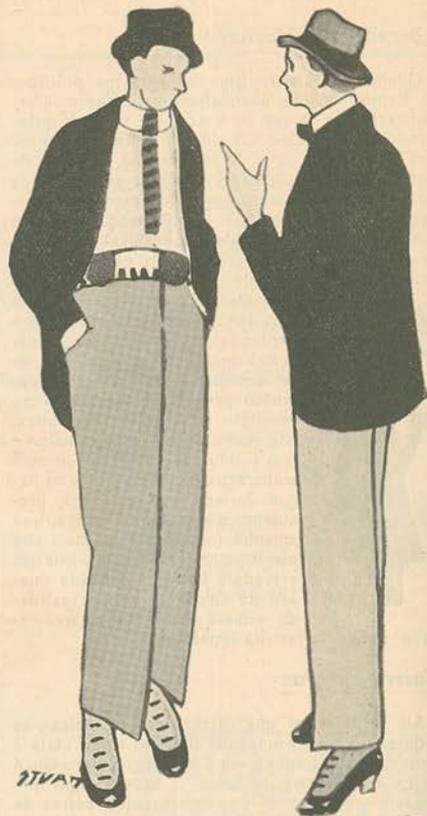
— Porque as não ha!...

— Erro! Seres femininos capazes de admiraveis dedicações, ha muitos... E' claro, eu não te falo d'essas suntuosas criaturas, maravilhosas pela beleza — porque essas precisam, para ser realce, de côrtes de adoradores. Verdadeiras obras de arte, incomparaveis esculturas animadas, foram feitas para o deslumbramento dos nossos olhos. Aludo ás criaturas humildes, ás criaturas de interior, resignadas, com limitadas aspirações, com uma formosura silenciosa, serena, que não impressiona as vistas curiosas e que são verdadeiros tesouros de inexaurivel emoção...

— Fantasias! — rosou Sebastião sombriamente.

— Fantasias porquê?...

No ambiente luminoso, as arvoredos imoveis e de folhas pendentes nem sequer sussurravam á ligeira viração que passava; adejavam como leves azas de seda. De longe, do fundo da mata, chegavam vozes confusas, rumores de risos cristalinos que tinham a vibração d'um cristal que se parte na pacificação e na



dolente melancolia d'um crepusculo de outono. Pousado n'um alto amieiro, um melro assobiava, na tristeza da tarde, a sua canção idiica á luz. Atravez das ramarias entreviam-se, por vezes, brancuras de vestidos espalhando fresquidão e alvura.

— Queres, então, saber a razão porque não tenho tentado pelo casamento a busca da felicidade? — perguntou Sebastião, levantando-se e dando alguns passos na areia da alameda, que rangia.

— Tenho curiosidade em conhece-a — respondeu Jorge, fitando demoradamente o amigo.

— E' simples, essa razão. Resume-se no medo.

— Mas medo de que, homem timorato?

— Medo de não deparar a mulher que, pelos dons da emotividade e pelos dons maiores da intelligencia, me compreendesse e me completasse de tal sorte que ambos podessemos formar a unidade moral imprescindivel aos casados. Eu preciso, na realidade, de communicações espirituaes, careço de gastar, amando, a força sensitiva que trago dentro de mim e que me sufoca. Oh! mas o receio é cada vez maior. Supõe tu que me enganava na seleção, que em logar de uma rapariga com todas as virtudes em que florescesse a ventura conjugal, encontraria

uma outra absolutamente incompatível com o meu sentir, com a minha psicologia! Que tormento, hein?

— Mas tenta! Na vida, tanto material como psíquica, todas as verdades se conseguem por tentativas.

— Já quíz tentar! Mas imediatamente parei, assustado, a meio caminho, pondo-me a pensar no ludibrio tão fácil em determinados estados de alma: E a minha imaginação reconstruía logo espantosas cenas caseiras, gavetas fechadas com arremesso, moveis empurrados com colera, portas atiradas com estrondo, as recriminações, as lamentações, as lagrimas infundáveis! E o que mais me alvoroça e aterra não é ainda isto. Considero também na mentira perpetua de uma existencia d'esta ordem, a obrigação de sorrir na rua, ao lado de minha mulher, para que as multidões me julguem feliz, as ternuras sem sinceridade diante dos outros, a representação permanente em que a minha mascara tenha de traír e a minha voz de disfarçar, um horror.

— E' porque tens a imaginação doente.

— Todo eu sou um doente, e precisava de ser renovado por um amor profetico, revelador. Mas onde existe ele?

— A superioridade dos homens está em descobri-lo. Para isso possuem eles uma intuição, uma sensibilidade, uma subtilidade.

Houve uma curta pausa. Sebastião acendeu uma cigarrilha. Laferme, sorçou á brisa algumas bafuradas de fumo, meditou por instantes e tornando a sentar-se junto de Jorge, disse quasi confidencialmente:

— A minha desconfiança é terrível. Tenho um doloroso exemplo na familia. Queres saber o que aconteceu com minha irmã?

— Qual irmã?

— A mais velha, a Albertina. Ainda ha anos estiveste com ela, no *pic-nic* da Fonte Fria. Conhece-la...

— Perfeitamente, conheço. Mas que lhe aconteceu?

— Casou!

— Eis o que é natural. Nas mulheres, o casamento é a aspiração suprema. Não sei que correlação possa haver entre o consorcio de tua irmã e o teu prazer pelo celibato...

— Espera! Albertina é uma excelente criatura: viva, inteligente, afavel. Parecia-me que dispunha de todos os dotes para fazer o perpetuo encanto do homem que escolhesse para marido. Só lhe conhecia um defeito:—era um pouco romantica...

— O romantismo dos dezoito, dos vinte anos, quando a primavera feminina dá flor... O principe louro que se encontra n'um solitario jardim irradiando luz no esplendor da sua beleza, uma perene mocidade que jámais se fana, uma esperança imarcessível, estrelas, luar, aparições misteriosas bai-

xando das constelações n'um vôo sereno...—atallou Jorge.

— Minha irmã tinha já ultrapassado essa idade e os arroubos absurdos não a abandonavam. Acreditava ainda, com adoravel ingenuidade, no amor eterno, no enlevo de um marido que constantemente se curvasse sobre ela para ouvir-lhe as palpitações do coração e prescrutar-lhe os segredos da intimidade moral, n'uma vida de casada que deslissasse entre rosas como um idilio infundavel... Quantas vezes eu lhe disse que o excessivo cismar em irrealisaveis quimeras a faria sofrer mais tarde, quantas vezes!...

— Vícios de educação...

— Justamente. São os paes, muitas vezes, os culpados da infelicidade dos filhos. Oh! senhores, positivamente, o casamento visto pelo seu lado juridico, pelo seu aspeto social, é um contrato, apenas um contrato e mais nada. Dois individuos de sexo diferente que vão um para o outro conduzidos pelo instinto da continuidade da vida, fôrma uma sociedade dentro da qual ambos tem direitos e deveres. Para que a empreza prospere, é necessario que entre os dois socios haja uma absoluta concordancia, uma inquebrantavel comunidade emotiva. De contrario, a falencia será fatal...

— Pois tua irmã!...

— Deixa-me desenvolver este raciocinio em que ha, creio eu, algo mais originalidade... Di ia eu... Sim! O casamento, socialmente, é um contrato. Nós, porém, por uma tendencia incompreensivel que nos leva a complicar tudo, idealisamo-lo. — São flô-res, astros, constelações, serenatas sob a lua, beijos arrulhando entre as espessuras, divindades occultas velando o florir dos sonhos, anjos batendo as azas pelo espaço e deixando nos céus um brando alvor de penas, emfim a tolice, a piéguice, o suspiro grotesco, as olheiras pizadas. O desengano, n'estes casos, é inevitavel.

— Certamente!

— Uma pobre mulher que tenha formado na sua imaginação, o tipo do marido ideal, será infinitamente desgraçada se, em vez d'ele, encontrar um homem frivolo, banal, mais preso á terra do que á

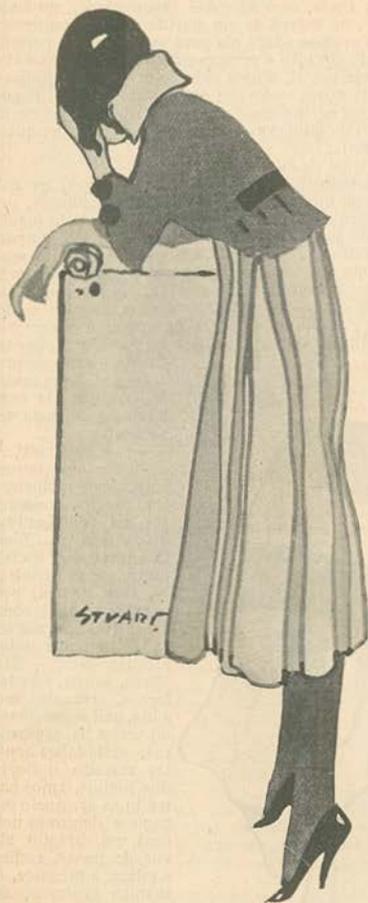
Via-Lactea. Com que estremecimento, com que decepção, com que tortura ela ouvirá esse homem queixar-se de gastralgias, de enterites, de enfermidades mais tremendas! Tinha pensado que o seu noivo, etereo, puificado, sublime, seria invulneravel á dispesia, porque se alimentaria de orvalho, de perfumes, de luz:—e, afinal, á mesa, vê-o devorar com appetite a terrível salada de pepino... Cáo do azul.

— E foi o que sucedeu a tua irmã?

— Pois foi! Desditosa d'ela! E eu tinha-a preveni-



do. A todo o momento a avisava:—não fôrmes falsos juizos sobre as coisas triviaes da vida, que é grosseira nos seus actos exteriores. Sê da tua nuvem de ouro, porque a realidade é amarga!... Lia



os seus poetas, tocava no piano os *Noturnos* de Field, nunca me escutou.

—O resultado, portanto...

—Oh! o resultado estava previsto!.. Um rapaz parvo no fundo, mas com *toilette*, com maneiras, com certo convívio, apareceu a requesta-la. Stendhal, o das argutas psicologias, fala das lentas cristalizações em amor. Em minha irmã, esta teoria faliu. Ela apaixonou-se logo, inconsideradamente, sem se observar, sem refletir.

—Casaram!..

—Casaram ao fim de dois mezes de um constante, absorvente namoro. E ouve, homem singular que preendes curar amorosamente o meu mal interior: volvidas vinte semanas, minha irmã, desvaivada, tremula, chorosa, procurou-me um dia em casa, para dizer-me...

—Que vivia nos espaços iluminados...

—Que era a criatura mais lamentavel que tinha nascido!

—E porquê, porquê?...

—Por isto:— meu cunhado não a maltratava, não tinha para ela b utilidades, estimava-a. No entanto, não comprehendia as suas aniedades, comia com apeti e, era sanguineo, obtuso, não o atormentavam curiosidades de espirito e, enfim, começava a deixá-la só até altas horas da noite, porque se demonstrava no Club em palestra com os amigos ou a jogar o *bridge*, porque tinha os seus habitos mundanos, porque naturalmente gostava de *chanter fleurette* a outras mulheres que a sua volutuosiidade apeteia. Só por isto!..

A luz diurna afrixava no parque. Já vagarosas sombras se desprendiam das ramagens, aveludando mais os musgos dos troncos e espalhando na areia largas manchas escuras e tremulas. O sol morria ao longe, sobre o dorso das serras, ardendo um momento pelas copas das arvores, fulgurando nas vidraças com um vermelho clarão de incendio. Sobre a paisagem pairava um recolhimento reigioso de templo cheio de unção e de paz; e não tardava que a sineta do hotel tocasse para o jantar. Jorge emudecera, enroando um cigarro, enquanto Sebastião passeava agitadamente.

—Eis o meu terror!..— murmurou ele, depois de um curto silencio.

—Menino, uma andorinha só não faz a primavera. Lá por ue tua irmã...

—Não, não! Tu não és nem um observador nem um psicologo. Minha irmã é uma mulher muito interessante, pe'o sentimento, por uma certa elevação mental. As outras que não possuem nem o seu coração nem o seu cerebro, serão incomparavelmente piores. Ora, imagina esta hipotese. Supõe que eu me casava, aucinado pela paixão, que na cegueira momentanea da alma, perdia as facultades de analyse, que a creatura que eu fizesses minha noiva, minha companheira de jubilos e de infortunios, me via, passados mezes, quando toda a perturbação se tivesse apagado nela, com os mesmos olhos com que minha irmã viu o marido. Que desespero e que inferno!

—Evadias-te!..

—Pe'o suicidio?

—Judicialmente, pelo divorcio...

—Por esse prepoço, não quero correr a traz da sorte. De resto, amigo, a felicidade não deve ser perseguida pelos homens inteligentes. Ela é quem te vem ao nosso encontro, oferecendo-nos assim algumas garantias.

—De maneira, que ficas solteiro?

—São essas as minhas tenções. Mas, como a dona da carção, o homem é igualmente mudavel...

Jorge levantou-se, es reguiçou-se, exclamou:

—Pois, senhores, filosofamos um bom bocado. E agora ao pão do corpo, porque nem só do pão do espirito conseguimos viver...

Foram se uindo, a travez dos arruamentos, arrastando-se com indolencia no ar abafado da atmosfera, que os an olecia.

—E' verdade, Jorge!.. Só agora me ocorre isto! E' extranho... Porque te não casas tambem? E's solteiro, rico, moço...

—Eu, casar me?

—Porque não? Se me aconselhas com tanta eloquencia o casamento!..

—Para curar-te!

—Mas porque te não curas a ti?

—Meu Deus, sou sadio, a vida sabe-me de ici samente, tenho a minha liberdade, sinto-me bem. E nota, aconselhando o casamento aos outros, cumpro as minhas obrigações de moralista.

JÓÃO GRAVE.



RAMALHO ORTIGÃO

(Cliché Bobone).

O falecimento de Ramalho Ortigão causou em Portugal a mais viva impressão de magua, e não a deve ter produzido menos intensa no Brazil. Com ele desaparece uma das figuras mais culminantes das letras portuguezas. Espirito vivo e elevado, temperamento privilegiado de artista, pena fecunda e brilhante, a sua obra literaria, embora não fosse volumosa, exerceu no nosso meio uma influencia profunda que em parte se pôde

considerar um verdadeiro saneamento moral, devido á sua critica inflexivel, mas sempre polida e fidalga, dos nossos costumes na mais ampla acção do termo.

Tendo recebido a triste noticia, quando se fechava este numero, a «Ilustração Portugueza» reserva-se para prestar condigna homenagem ao ilustre e saudoso morto, apresentando hoje as suas condolencias a quantos a sua perda cobriu de luto.

# FESTA DE ARTE NAS CALDAS DA RAINHA



O sr. dr. João Antunes, diretor do Orfeon de Condeixa.



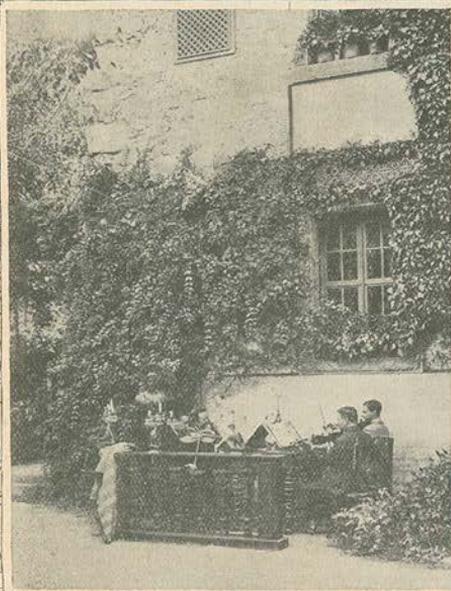
Casa do sr. Visconde de Sacavem (José) nas Caldas da Rainha



O sr. João Passos, violoncelista, que instrumentou a musica da sr.<sup>a</sup> D. Honorina de Moraes Graça e da charanga que se ouvia ao longe.

Foi simplesmente encantadora a festa musical promovida pelos srs. visconde de Sacavem (José) e dr. Afonso Lopes Vieira, realisada nos formosos jardins d'aquelle titular que fazem parte do rico palacete que ele habi-

feon de Condeixa, tão distinta e brilhantemente dirigido pelo sr. dr. João Antunes, realisaria esse fim, tal foi o primor de execução que todos os amadores deram ás peças cantadas. Mereceu tambem geraes aplausos a



Quarteto composto dos srs. Martins Pereira, 1.<sup>o</sup> violino; João Passos, violoncello; Eduardo Madal, 2.<sup>o</sup> violino, e Pereira e Silva, violeta. A musica que o quarteto executou era da sr.<sup>a</sup> D. Honorina de Moraes e foi instrumentada pelos sr. J. Passos.



O sr. dr. João Antunes e a sr.<sup>a</sup> D. Alice Rey Colaço, que desempenhou o papel de *Mofino Mendes*, acompanhada pelo Orfeon (Clichés do distinto amator sr. Jorge de Lima).

ta nas Caldas da Rainha. Se outros numeros que fizeram parte do programa, todos eles deliciosos e inspiradissimos, não bastassem para tornar a simpatica festa memoravel, a apresentação do Or-

liudissima composição da sr.<sup>a</sup> D. Honorina de Moraes Graça, que encerra motivos vigorosos e de grande concção artistica. A assistencia era numerosa e seleta.

# FIGURAS E FACTOS



Major Afonso Pala

Alferes Alvaro Dias

Foi uma das mais gloriosas figuras do 5 de Outubro. Quando governava o general Pimenta de Castro, o distinto oficial de artilharia foi mandado para a Africa do Sul, onde entrou no combate de Mangua, recebendo alguns ferimentos que depois se agravaram e lhe causaram a morte. Morreu defendendo o bom nome portuguez.

E' outra vitima do dever o alferes de cavalaria Alvaro Dias. Tambem pereceu na Africa, dando o seu brioso sangue á defeza da Patria querida. Tinha vinte e oito anos apenas, mas era um militar disciplinador, mostrando a maior bravura e sangue frio em todas as acções em que tomou parte.

5. O sr. José Joaquim da Silva, falecido ha dias em Lisboa. Era um distinto professor de musica do Conservatorio e fazia parte da orquestra do teatro da Trindade.—6. O sr. Gaspar d'Azevedo A. Gama, general reformado, fallecido em Viana do Castelo

1. A sr.ª D. Maria das Mercês Oliveira e Silva, filha do proprietario sr. Antonio Xavier da Silva e da sr.ª D. Maria da Encarnação Oliveira e Silva, falecida no Fundão.—2. O sr. Joaquim Romão Mendes Graça, general do quadro de reserva, falecido em Lisboa.

**A Guerra.**—Devido á pena do illustre publicista sr. dr. Jaime de Magalhães Lima, saiu um volume intitulado *A Guerra*, no qual o distinto economista aprecia o grande conflito que tantas nações traz envoltas. N'esse livro, primoroso de conceitos, elegante na forma como são todos os que o concei



O sr. dr. Jaime Magalhães Lima

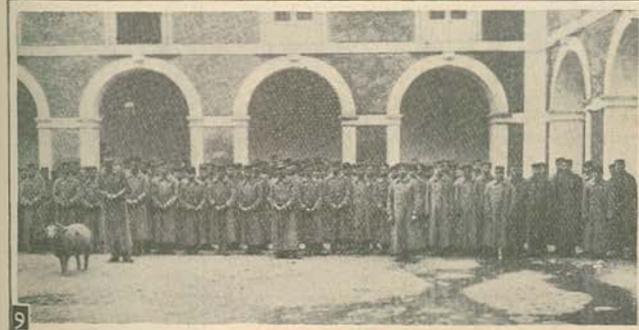
tu a dissimo homem de letras tem produzido, afirma ele mais uma vez o seu criterio e bem esclarecido espirito na resolução dos mais graves problemas sociais, economicos e politicos. E' um livro de grande valor.

**Um novo maestro.**—Causou a melhor impressão a maneira distinta como se portou na regencia de uma orquestra sinfonica, composta de 70 professores, o novo maestro sr. Acacio dos Santos, que conta apenas 21 annos. No concerto de estreia, rea-

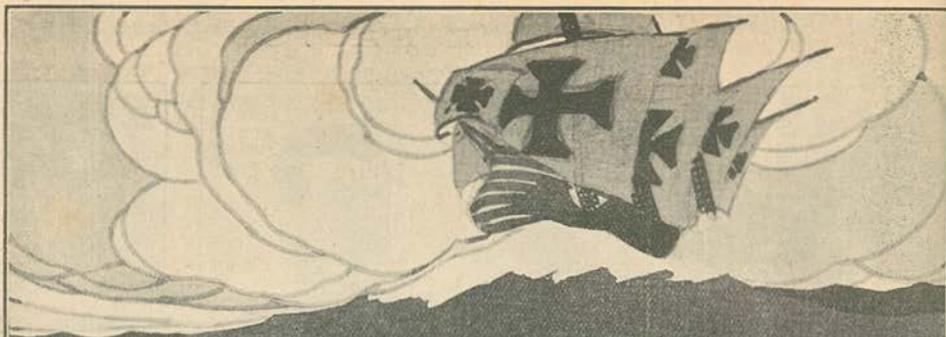


O novel maestro Acacio dos Santos.

llsado no elegante salão de festas dos Recreios Desportivos da Amadora, com uma orquestra colossa, executaram-se os mais difficeis trechos de Wagner, Berlioz, Rossini, etc., que mereceram grandes aplausos ao novel maestro o qual breve teremos em Lisboa.



9. e 10. **O carneiro do regimento.**—O regimento de infantaria n.º 9, de Lamego, adotou um carneiro que conhece todos os toques da ordenança e serve de entretenimento aos soldados. E' tratado pelo 1.º cabo, sr. Manuel Joaquim d'Almeida, de quem o animal é muito amigo. O carneiro peza 60 quilos.—(Clichés do distinto amador sr. Manuel Joaquim de Almeida, cabo de infantaria 9).



## O GALEÃO

*Por manhan doirada, sobre um mar que é verde,  
As velas inchadas que lindas que vão!  
A vista nas ondas pelo mar se perde...  
É á mercê das ondas boia o Galeão!*

*Aos balanços lentos, prazenteiramente,  
Com uma guia d'oiro solta no porão,  
Vae tão imponente que até pa-ma a gente  
N'um pasmo solene de admiração.*

*Deixa ao largo a terra que já vê do largo,  
montes de uma estranha configuração;  
e na terra fica todo o fel amargo  
que o tédio nos verte sobre o coração.*

*Vae de vento em pôpa, Galeão doirado,  
todo a arder em oiro—que cintilação!—  
no dorso das ondas de leve embalado  
entre o ceu e a agua, pela imensidão...*

*Bandos de gaivotas cruzam sobre os mastros,  
entre as enxarcias canta a viração;  
e os mastros do alto vão rasgando os astros,  
irradiando aurora por toda a amplidão.*

*Bolinas ao vento e a prôa ao Levante...  
—As ondas e o vento de os levarão?  
A que areias d'oiro de Pa z distante?  
Que misterios novos não desvendarão?*

*Para a bruma vaga de uma lenda d'oiro  
ides em demanda d'esse Rei cristão,  
antevendo em sonhos calmo ancoradoiro,  
nas Índias remotas do Prestes João?*

*Fresca sopra a briza das costas do Norte.  
— Que sonhos de gloria, que louca ambição,  
Vos leva ao Acaso, á Aventura, á Morie...  
E o Destino ao leme, guiando o timão?!*

J. M. de Sant'Jago Prezado.

## O Velho Mundo em guerra

A visita do general Joffre á frente da batalha italiana teve uma significação que não escapou ao entusiasmo da França e da Italia, as duas nações irmãs que se encontram ha muito á frente da familia latina e dão hoje a todas as outras mais um

nobre exemplo: — o de combater até final triumpho, sejam quaes forem os sacrificios de sangue e de dinheiro, pela liberdade e por todos os mais sagrados direitos dos povos.

Joffre teve um cordeaisimo acolhimento da parte do rei Vitor Manuel, que bem demonstrou quanto apreciava a sua poderosa tática, o seu profundo saber na arte da guerra e o seu alto espirito patriótico, conferindo-lhe a grã-cruz da ordem militar de Saboia.

Depois da apresentação ao rei, o illustre comandante em chefe dos exercitos do norte e do nordeste da França entreteve-se largamente com o general Cadorna, comandante em chefe dos exercitos italianos. Percorreram ambos com o respectivo estado maior os pontos mais caracteristicos da fronteira onde se está batalhando com tanto denodo e com tanta fé na victoria, como em França. Por onde eles passavam, eram objeto de uma admiração profunda, de uma veneração quasi religiosa. Officiaes, soldados e paisanos, todos saudavam com enternecido respeito esses dois homens extraordinarios, em cada um dos quaes o seu paiz deponha as mais consoladoras esperanças de sair gloriosamente d'este estupendo conflito.

No afetuoso encontro do general francez e do generalissimo italiano via-se simbolisado o amplexo intimo dos seus dois paizes. Se a este facto se póde attribuir uma grande im-

portancia militar, não é menor, pela recção efusiva que teve Joffre, a sua significação quanto ao estreitamento das relações entre as duas nobres irmãs latinas.

E é sem duvida fraternalmente que se encontram unidos de espirito e de coação o povo francez e o italiano, como os seus exercitos se encontram a combater pelo mesmo ideal de liberdade e de civilisação. Asvitorias ganhas pela Italia sobre os austriacos teem, desde a primeira, despertado sempre o maior jubilo em França, como as vitorias dos francezes sobre os alemães o despertam em Italia. Desde que a guerra rebentou, sentia-se mesmo de longe, atravez da intriga alemã e de indecisões politicas por ela determinadas, que a nação italiana a como o seu exercito se collocou logo em espirito ao lado da grande causa defendida pelos aliados. O general Joffre sentiu-se, pois, bem pisando a heroica e nobre terra de Italia e vivendo algumas horas no seio do seu valeroso exercito.

O valente soldado deixou-a com saudade, levando recordações que nunca mais se lhe hão de apagar na alma: recordações de Vitor Manuel, do alto comando do exercito, das tropas e de todos os povos que atravessou na sua visita.

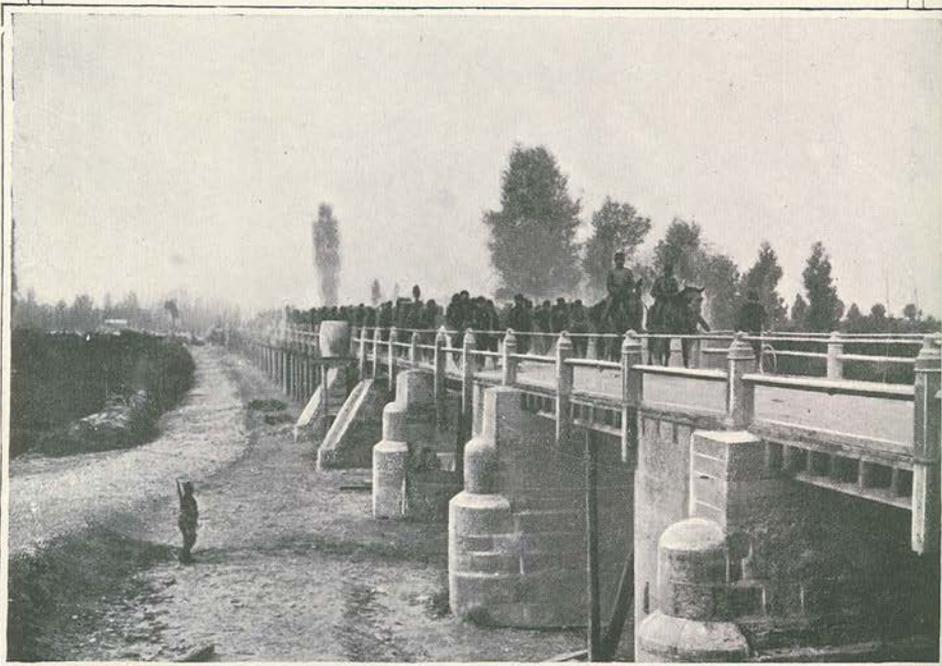
Despedindo-se, abraçou-os comovidamente no mesmo Adeus e, se entrara com a convicção arreigada desde o principio da guerra de que a victoria seria dos aliados, regressou com ela ainda mais afervorada, se é possível, retemperando-a na atmosfera de engia, de entusiasmo e de confiança, que se respira por toda a parte sobre a bela e hospitaleira terra de Italia.



O rei Vitor Manuel e o general Joffre nos campos de batalha italianos



O submarino inglêz E-15, salvo por um navio dinamarquez, é suspenso com cabos d'aço entre dois pontões.



Coluna de infantaria italiana atravessando uma ponte acabada de construir sobre o Isonzo.  
(Cliché Branger).



O general Joffre, comandante em chefe do exercito francez, com o rei Vitor Manuel



Troca de impressões sobre a situação militar entre o general Joffre e dois generaes italianos



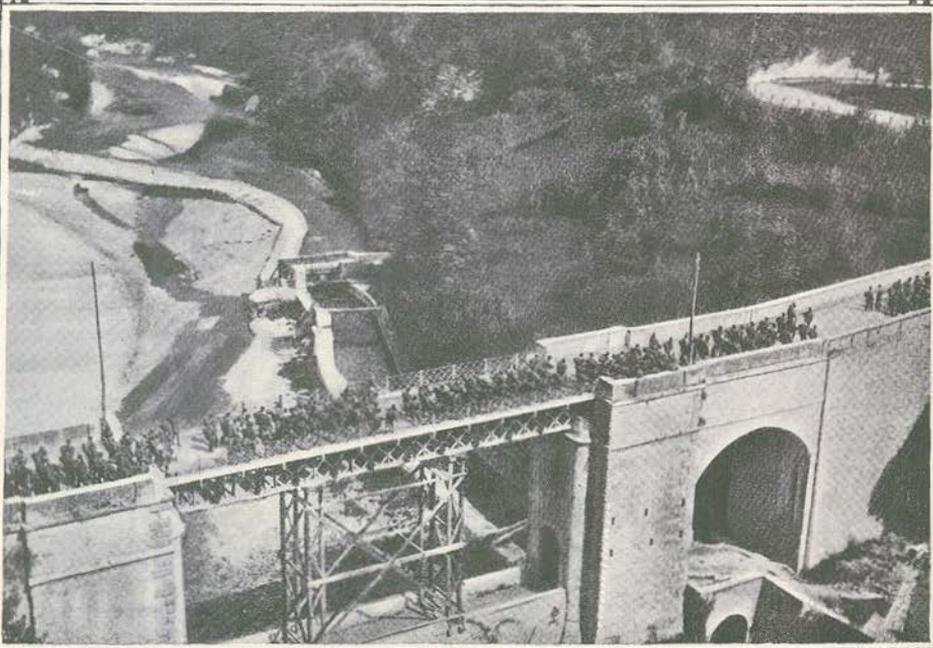
O general Joffre, o general Cardona, o coronel Gomelin e o general Porro



Visita ao duque d'Aosta: O general Joffre, á saída da vila Aosta, com o duque e outros generaes



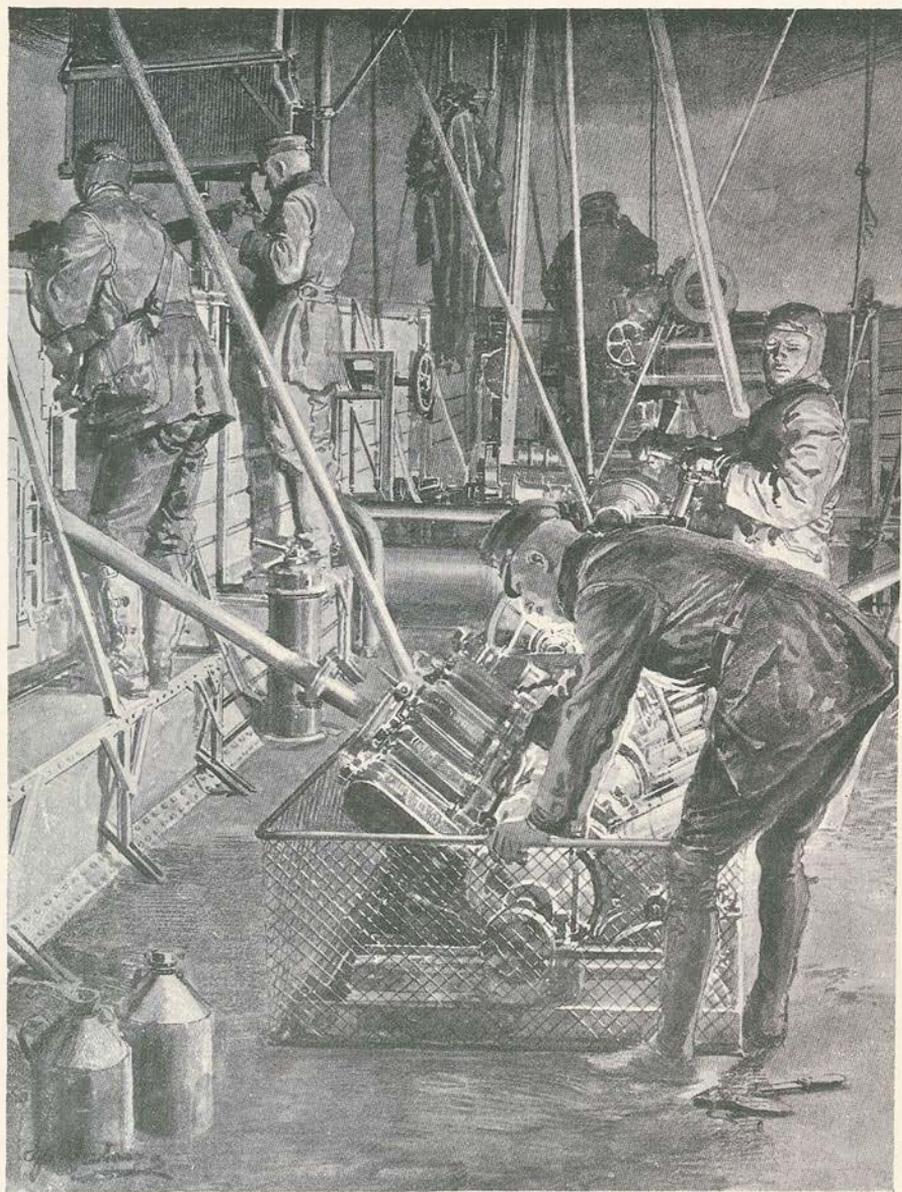
No vale Sugana.— A avançada de uma divisão italiana



Passagem sobre uma ponte destruída pelos austríacos e prontamente reparada pelos pontoneiros italianos



O sr. Salandra, presidente do conselho de ministros italiano, assiste na frente da batalha ao desenrolar das operações militares

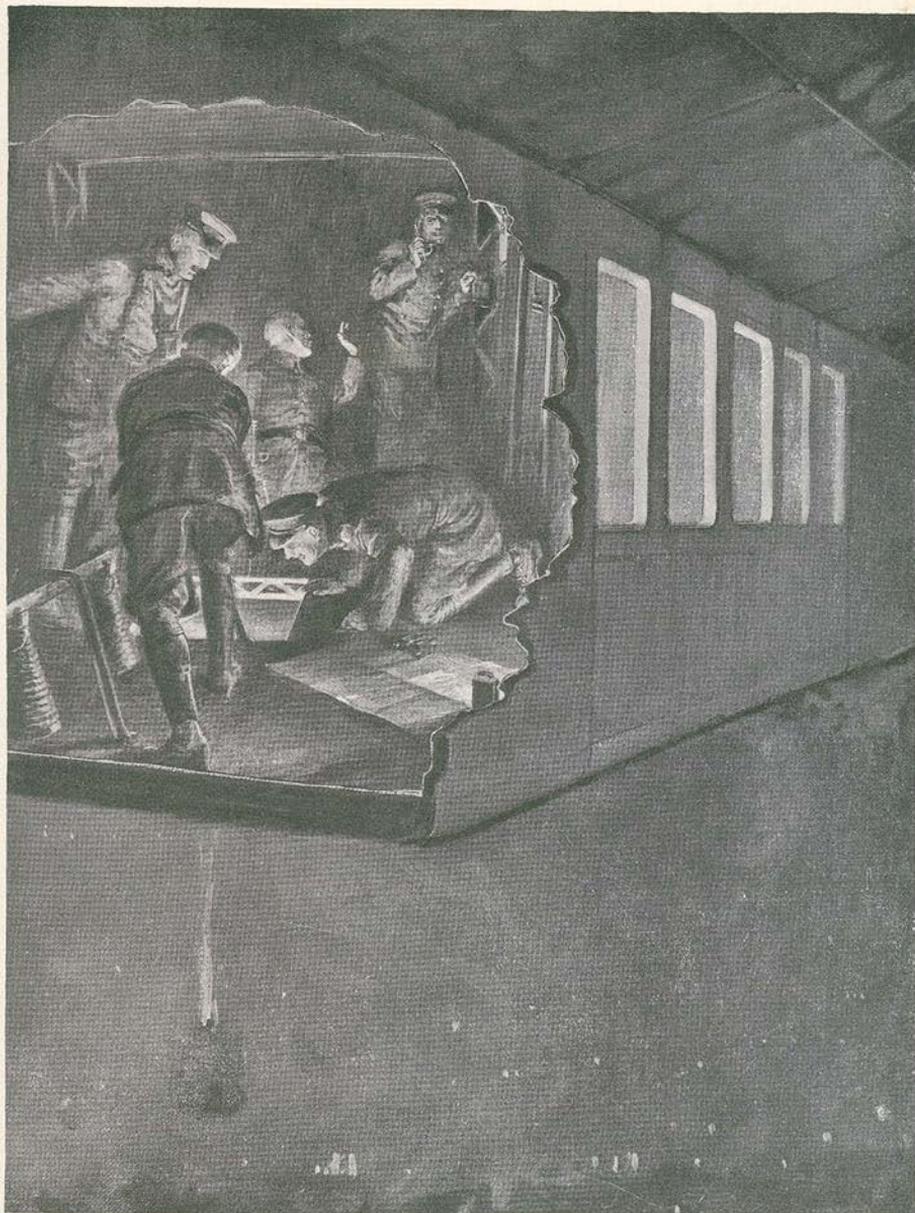


Um aspeto das instalações de maquinismos na barquinha de um *Zeppelin*

**Os Zeppelins.**—Estes monstruosos aparelhos de aeronautica impõem-se mais pelas dimensões e instalações do que pelo seu valor de combate. Na largueza e comodidades que oferecem a quem os tripulia são realmente admiráveis. Chega a haver

a ilusão de que se navega, não na barca de um balão, mas n'um perfeito navio com mar calmo.

Não falta nada a bordo do que ha de mais confortavel em terra. Comporta depositos para co-



Seção da cabine de um Zeppelin, por onde se estão lançando bombas

mestiveis, para munições de guerra, para as mil e uma coisas que são necessarias á vida e á guerra no ar.

O *Albatrós*, maravilhosa concepção de Julio Verne, não podia, pelo que respeita a grandeza e a

confortos, ter mais expressiva realisação; mas para a segurança, para o equilibrio, e para os movimentos rapidos que Robur soube imprimir á sua maquina, ainda lhe falta muito, o que não quer dizer que não se venha a conseguir em breve.

(The Sphere).

## UMA CARGA DE COSSACOS



O valor guerreiro dos cossacos corre o mundo inteiro há muitos séculos no freixo de uma lenda. Não há outra cavalaria que seja temida como essa cavala-

ria irregular da Rússia, que tão prodigiosos atos de bravura tem praticado na atual guerra, mantendo as suas lendárias tradições. Os cossacos são de ori-

gem slava e, misturados com outros elementos étnicos, formam onze agrupamentos, que se podem considerar outros tantos corpos de exercito. Ocupam um

largo territorio na Rússia e gozam de isenções administrativas que ainda mais em destaque os colocam. Os cossacos nunca recuam; deixam-se matar até ao ultimo.



*Durante o bombardeamento:—Um automóvel de serviço, para evitar precipitar-se n'um fosso aberto pela explosão de uma granada, avança só sobre as duas rodas da direita.—(The Sphere).*



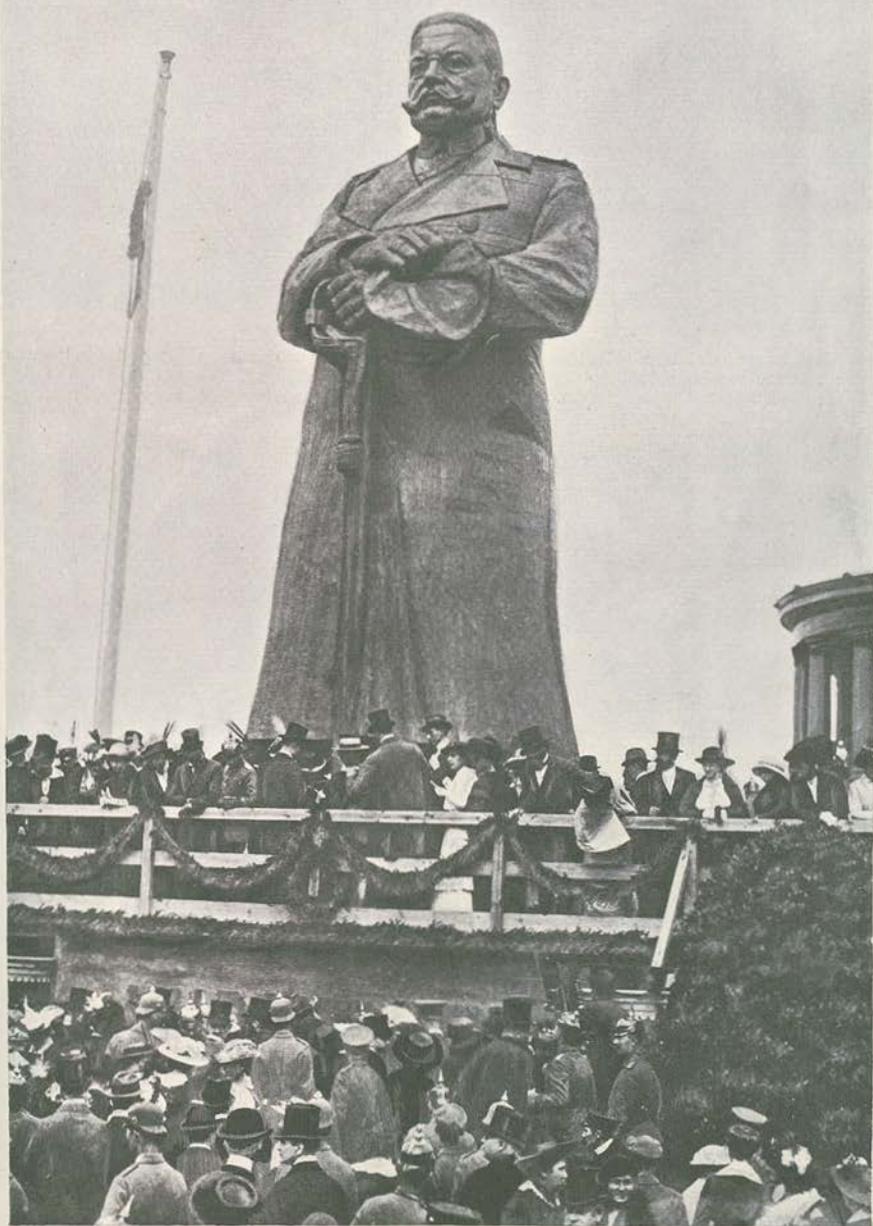
1. e 2. **O primeiro batizado em Trento.**—Estas fotografias representam a cerimonia do primetro batizado que se realison em Trento depois da ocupação italiana. A mãe do neófito é mulher de um soldado austriaco que combate na Galicia. A cerimonia efetuou-se no campo, sendo celebrante o capelão militar e padrinho um tenente, que pôz á creança o nome de Italo

(Cliché Ugo Ciani).



P. W. TREVIS

*Em Flandres* — Os alemães mudam as suas trincheiras para a outra margem do canal do Yser, entre Boesinghe e Lizerne



### O MARECHAL HINDENBURG

Levantaram-lhe uma colossal estatus de madeira em Berlim, podendo cada pessoa ir pregar-lhe um prego mediante 5 marcos, se fosse de ferro, 10, se fosse de prata, dando pelos de ouro o que quizesse, e recebendo em troca uma fotografia d'este novo colosso com uma frase do heroe. Como nota curiosa ha a acrescentar que os pregos d'ouro foram logo todos roubados.



**Nos Alpes.** — A luta entre italianos e austriacos está revestindo aspectos extraordinários devido ao terreno acidentadíssimo sobre que se desenrola. Parece im-

possível como se fazem transportes de tropas, animais e material através de abismos cortados a pique e como se equilibram homens e canhões sobre cristas agudíssimas



de rochas, onde se combate de umas para outras, como se esses combates fossem travados entre as agulhas que abundam por aquelas altitudes. A fotografia panorâmica de

Dolomitia, que acima se vê e pela qual passa a estrada Auronzo-Misurina, onde se tem dado encarniçados recontros, dá bem ideia do teatro da guerra italo-austriaco.



**A esquadra inglesa.** — Os estaleiros ingleses continuam a trabalhar afanosamente. Não há dia em que não saiam d'esses numerosos e importantes centros

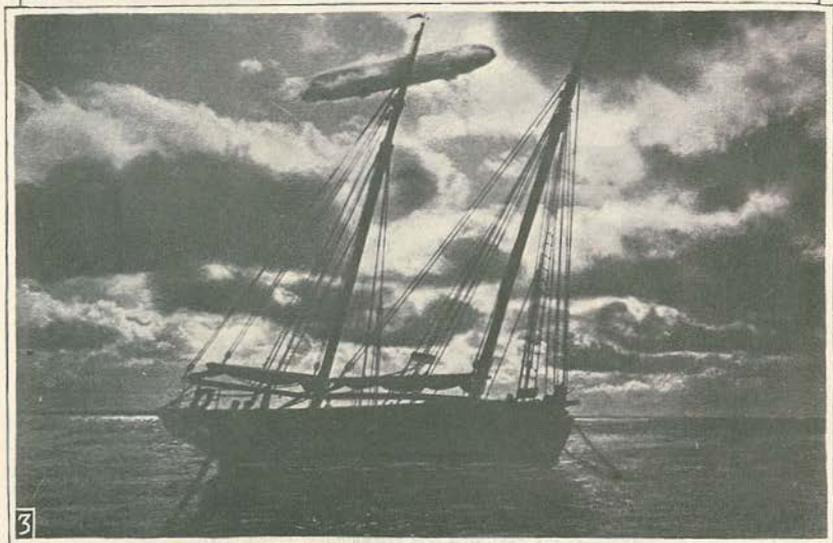
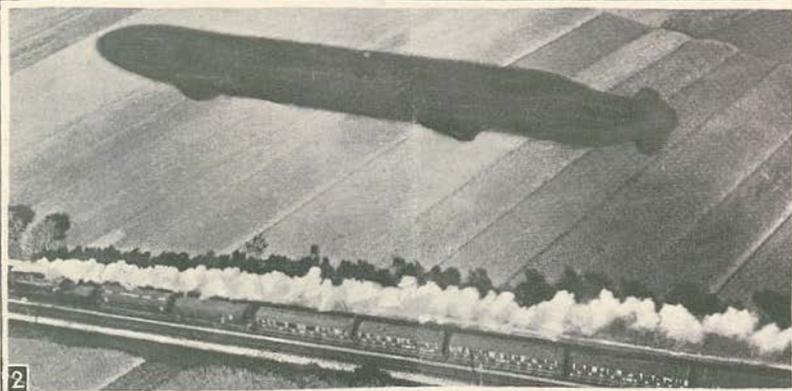
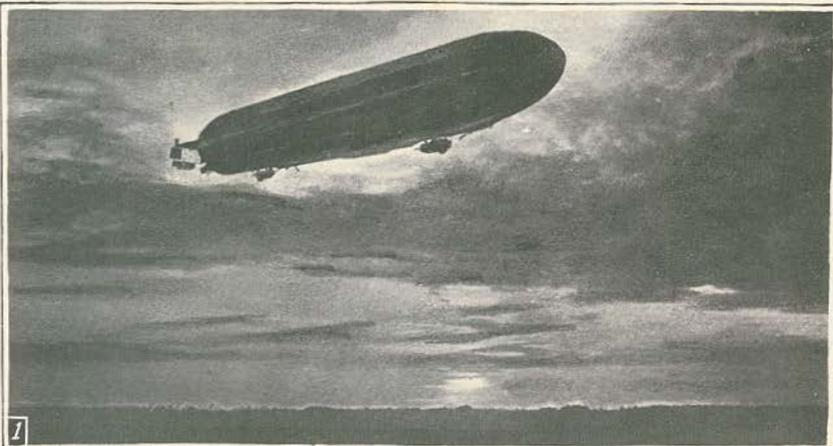
de construção naval, barcos de marinha e mercante, não se sentindo por isso a menor falta dos que se tem perdido nas contingencias da guerra. Como ao fabrico de man-



ções, a Inglaterra está dedicando à sua marinha uma atenção especial. As suas grandes e pequenas unidades de combate são hoje em numero consideravel. A sua es-

quadra de «destroyers» é deveras importante. O aspeto, que reproduzimos d'alguns d'eles destacados para o serviço dos Dardanelos, é sem duvida idtreessante.

(The Sphere).



1. Ao amanhecer o *Zeppelin* volta ao seu hangar depois de passar a noite a espiar.—2. Um *Zeppelin* correndo ao desafio com um comboio não tarda a tomar-lhe a dianteira.—3. Um *Zeppelin*, como se jogasse às escondidas, espia por entre as nuvens o que se passa no mar

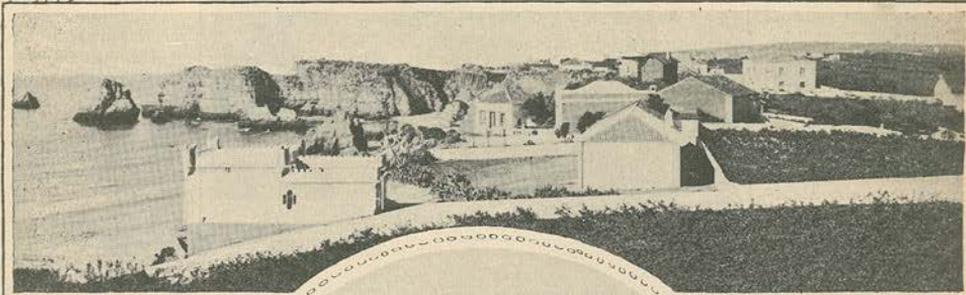
# Na Praia da Rocha

A Sociedade Propaganda de Portugal, a quem o paiz já deve muitos e valiosos serviços, promoveu o primeiro congresso regional com um exito animadissimo na Praia da Rocha, essa joia do nosso lindo Algarve, tão rica de belezas naturaes que difficilmente se encontração de tanto valor em qualquer outra praia do mundo.



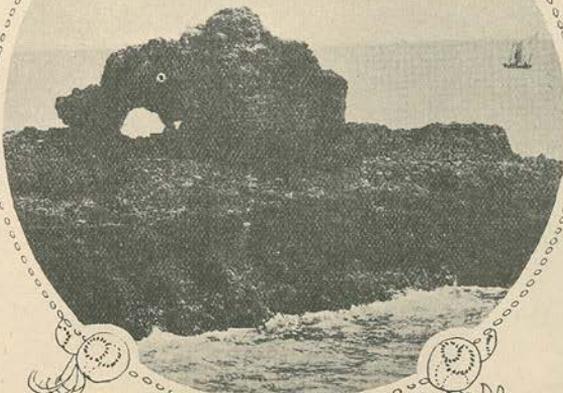
Um aspecto da penedia da praia

Algarve. Apresentar a mim-se theses visando o desenvolvimento do commercio, da industria, da agricultura. A questão corticeira; a regulamentação do jogo com o elemento para atrair *touristes*; o ensino industrial; a construção de hotéis; o problema da mendicidade, o do analfabetismo, o aproveitamento dos silgalhos; a criação de um posto agrario e... tantos ou-



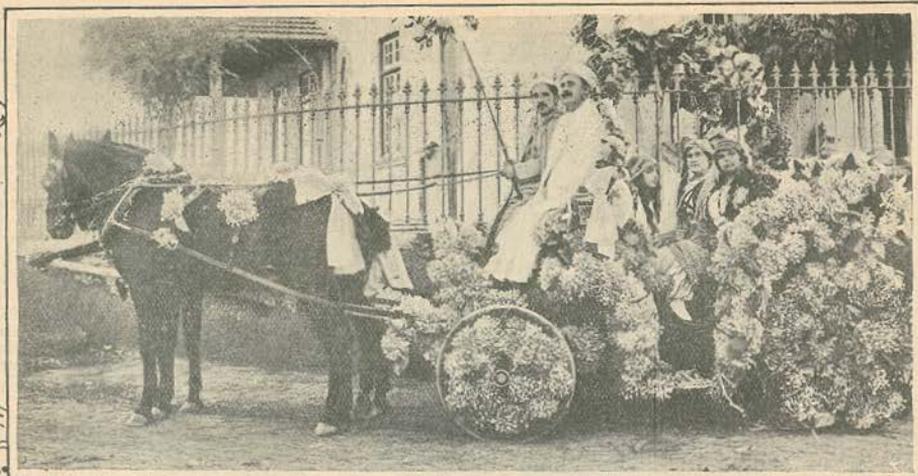
A mais de que um congressista se ouviu e com sinceridade: «a natureza foi mais prodiga com a Rocha do que com Biarritz e tantas outras praias de nome; que lastima que a mão do homem não complete esta obra! que riqueza por explorar! Que fonte de ouro aqui haveria, se construíssem hotéis, campos de jogos, completassem o casino...; se todos se unissem para levar a cabo estes empreendimentos!»

No Congresso Regional discutiram-se assuntos do mais largo interesse para a provincia do Al-



tos assuntos, mereceram as atenções do Congresso. Quando postas em pratica as resoluções ali tomadas, a vestigi da a o Algarve uma nova era de riqueza que, os algarvios em especial e ao paiz em geral, fará bem dizer agora em que o Congresso se efectuou. A Comissão Executiva, pelo facto de terminarem as sessões do Congresso, não se dissolveu. Não; continúa trabalhando para conseguir a realisação dos votos emitidos. Todos á uma; algarvios e não algarvios, continuam trabalhando por aquela provin-

2. Uma vista da praia  
3. Outro aspecto da penedia

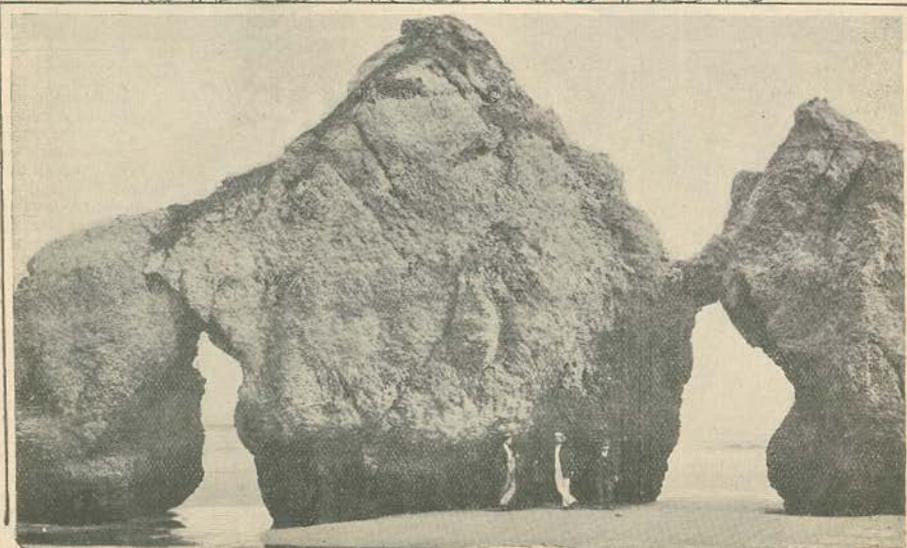


cia. Os de lá, por amor á sua terra; os que não são naturais do Algarve porque são admiradores d'aquela pedaço da nossa terra e vêem que o desenvolvimento do Algarve pôde contribuir para o enriquecimento do paiz.

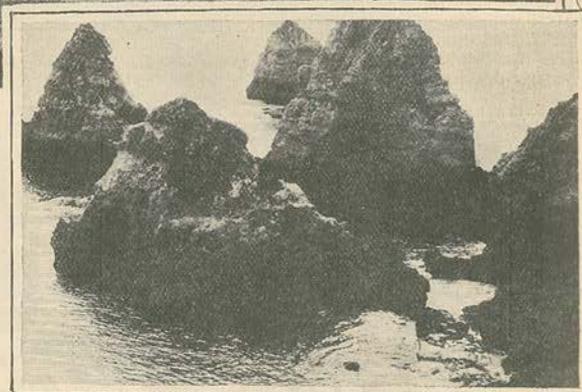
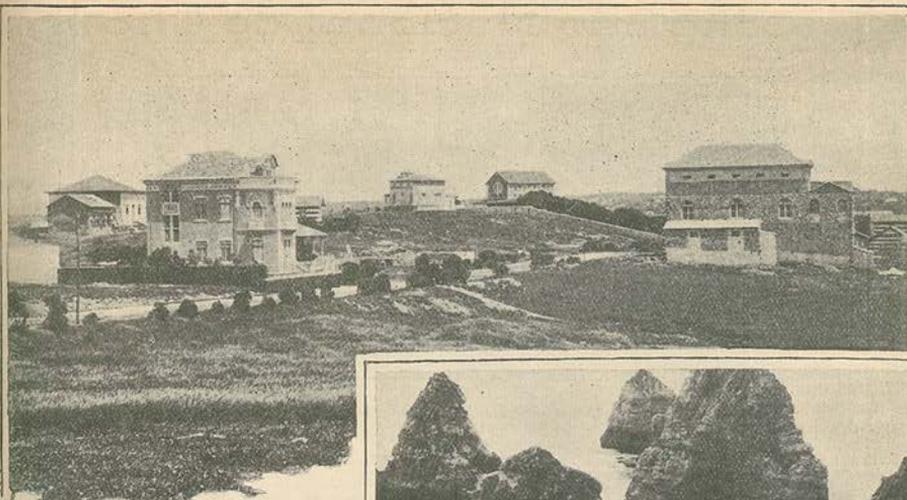
Coincidindo com o Congresso, efetuou-se tambem na Praia da Rocha a Exposição Regional Algarvia em que se apre-



sertaram muitos dos melhores produtos d'aquella rica região. Viu-se ali a conserva de peixe, o mobiliario, os vinhos, a corfiça, rendas, as mais variadas qualidades de frutas, entre as quaes não devemos esquecer os anazes do Algarve, cultura esta que agora começou e parece que com exito. Entre todas as instalações notou-se, pelo bom



1. BATALHA DE FLORES: O «mlord» enfeitado do sr. Antonio Judice de Magalhães Barros com as suas visitas.—2. PAVILHAO MOURISCO—Da direita para a esquerda, vestidas de mouras, as sr.<sup>as</sup> D. Maria Judice Magalhães Barros, D. Maria Rocha Cardoso e D. Evelina Caleça e os srs. Vitor da C. Figueiredo e Antonio J. M. Barros.—3. OS TRES URSOS: Rochedo da Praia da Rocha



gosto da construção e esmero que perdeu à exposição dos produtos, o Pavilhão Mourisco do sr. Antonio Judice Magalhães Barros, que se não poupou a despesas e a trabalho para apresentar uma instalação condigna. N'esse pavilhão viam-se gentilíssimas cristãs, vestidas de mouras, fazendo a venda dos produtos expostos.

Houve festejos em honra dos congressistas. Batalha de flôres, concerto pelos artistas portugueses D. Judith Lima e Alfredo Mascarenhas, um passeio no rio em honra da imprensa no yacht *Judibarros*, gentilmente ofereci-

1. Chalets à beira-mar  
2. Os tres irmãos, rochedo da Praia da Rocha



O descabeçar e engrenhar do peixe na fabrica de conservas do sr. A. Judice Magalhães Barros, Limitada  
(Cliches do fotografo sr. Fonseca Dias, de Portimão).

do pelo seu proprietario sr. Antonio Judice Magalhães Barros, etc.

O novo Congresso deve realizar-se em Faro ma primavera de 1918.

SILVUD.

# Concurso Nacional de Tiro

Estiveram concorridíssimas as provas iniciadas na Escola de Tiro, em Pedrouços, para o concurso nacional de tiro, tendo-se inscrito mais de 450 concorrentes. As ultimas provas realisam se amanhã, sendo muitos os brindes oferecidos para



1. Capa dos *Luziadas*, oferecidos para premio pelo ministerio da instrução  
2. Outros premios oferecidos para os concorrentes vencedores do concurso de tiro

premios aos vencedores. A's provas iniciaes assistiu o general sr. Rodrigues da Silva, da 2.<sup>a</sup> direção geral do ministerio da guerra, presidente do juri, e todos os outros membros da comissão que hão de presidir á classificação dos premiados.



Os concorrentes atirando aos alvos

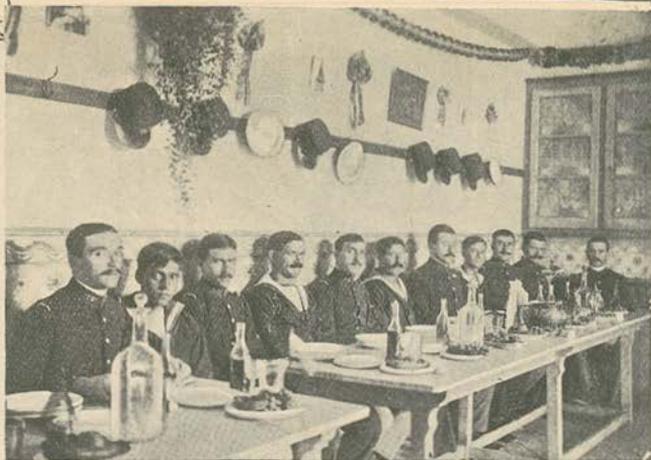


O juri do Concurso Nacional de Tiro



Um belo tiro  
(Clichés Benoiel)

## A guarda republicana confraternizando com os marinheiros



No refeitório do quartel dos Paulistas

Os inimigos da República espanhola haviam os falsos boatos de não haver harmonia entre soldados da guarda republicana e marinheiros da armada. Esses boatos tiveram o mais categorico desmentido na festa oferecida ha dias pela fiel guarda nacional aos bravos marinheiros nos

seus diferentes quartéis de Lisboa. Os refeitórios d'estes quartéis foram artisticamente embelezados com bandeiras, armas, tambores, cornetas, etc., apresentando todos eles um aspeto de alegria que facilmente se comunicou aos convivas que, depois do jantar, trocaram brindes amistosos em que houve uma especie de pacto entre as duas unidades para na hora de perigo defenderem a

quartéis, onde foram recebidos pelas respectivas officialidades, que lhes ofereceram «champagne». O sr. Freitas Ribeiro saudou as praças da guarda e da marinha pela simpatica festa que realizaram, enaltecendo o extraordinario significado d'essa confraternisação e registando com verdadeiro desvanecimento o facto de ver intimamente ligados os soldados de terra e mar.

Patria e a Republica. Os srs. Freitas Ribeiro, comandante do corpo de marinheiros, Ferreira da Silva, immediato do «Vasco da Gama», Santos Fradique, chefe do estado maior da divisão naval, e outros officiaes graduados da armada percorreram de automovel todos os



Praças da armada e da guarda republicana que tomaram parte na festa do quartel de Santa Barbara (Liches Benoitel).

## Uma esplendida festa nos "Recreios da Amadora"



1

Decorreu a magnissima a ultima festa sportiva realizada nos «Recreios Desportivos da Amadora», a que não faltou, como de costume, enormissima concorrência, como se vê da fotografia de um aspecto da assistência, que reproduzimos.



2



3

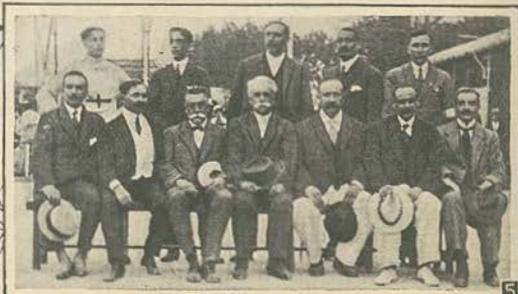
2. O sr. dr. Magalhães Lima, presidindo ao gymkhana  
3. Luta de tração



4

4. Um assalto de box

5. Juri e comissão organizadora das provas atleticas e gymkhana realizadas nos «Recreios Desportivos da Amadora». Sentados, da esquerda para a direita, os srs. Alfredo Braga, dr. José Pontes, dr. Virgílio Horta, dr. Magalhães Lima, José Santos Matos, Antonio Rodrigues Correia e Tavares de Melo. Em pé, os srs. Luiz Rouband, Costa Ribeiro, Vitor Anselmo, Artur Alagôa e Eduardo Dias.

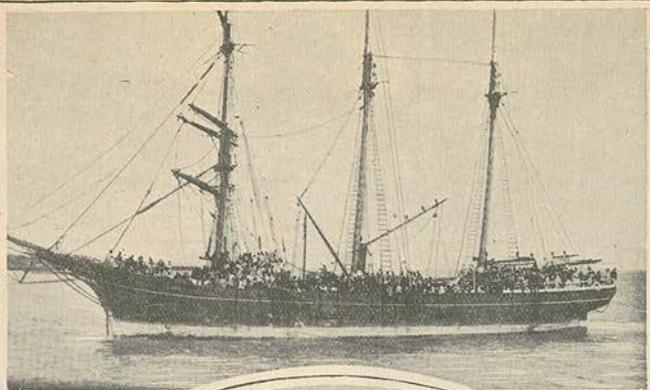


5

# NA GUINÉ PORTUGUEZA

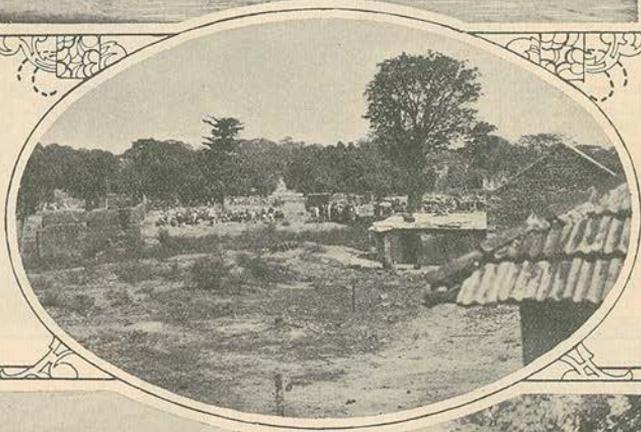
Para as tropas portuguesas que operam na Guiné tem sido assaz trabalhosa a sua campanha contra o gentio, que estrangeiros e portugueses desnaturados e antipatriotas açularam contra a nossa soberania.

Mas apesar das rudes marchas por terrenos empestados não afrouxou o ardor dos nossos soldados, que parece animarem-se ainda mais quanto maiores forem os perigos a que se expõem.



A insubmissa horda dos "papelés" tem sentido os resultados da sua rebeldia no castigo efficacissimo que as nossas tropas lhes tem applicado, obrigando-os a uma pacificação tão desejada para o progresso d'aquella nossa colonia que, apesar de insalubre, possui uma agricultura invejavel pela sua enorme riqueza.

A campanha continúa ainda muito acesa em varios pontos, mas espera-se, pelos reforços que para lá



1. Bissau.— O Luzo transportando as forças irregulares que vieram combater os *papelés*. — 2. A coluna preparando-se para partir para a guerra—3. Partida para a guerra: Os officiaes da coluna 1. capitão Pinto; 2, capitão Francisco Regais; 3, tenente Monteiro



1. Aparelhando os cavalos para a partida
2. Partida de um grupo de irregulares que vão juntar-se as restantes forças

tem sido enviados, que dentro em breve as tropas portuguesas dominem toda a região, o que decerto constituirá mais uma brilhante vitória para o prestígio nacional.



1. «Abdul», chefe de guerra—2. Capitão sr. Francisco Regala

**CIGARROS DE ABYSSINIA**  
**EXIBARD**  
*Sem Opio nem Morphina.*  
 Muito efficazes contra a  
**ASTHMA**  
 Catarrho, Oppressão  
 35 Anos de Eom Exito.  
 Medalhas Ouro e Prata.  
 H. FERRE, BOUTTIÈRE & C<sup>o</sup>  
 6, Rue Dombasle  
 PARIS  
 PHARMACIA

**Compra e venda de propriedades**  
**HYPOTHECAS**  
**EM LISBOA E PROVINCIAS**  
 TRATA. *A. GOMES DA SILVA*  
 R. Augusta, 229, 2.º - LISBOA -

**Perfumaria**  
**Balsemão**  
 141, RUA DOS RETOZEIROS, 141  
 TELEPHONE N.º 2777 - LISBOA -

**GRAND PRIX**  
 As honras mais altas  
 "Pelas Armas e Munições mais  
**MODERNAS**"  
 Ganho pela *Remington*  
 pela *UMC*



UMA comissão de peritos, fazendo a sua decisão final na Panama-Pacific International Exposition em São Francisco, California, concederam as honras mais altas, o Grand Prix "Pelas Armas e Munições mais MODERNAS" à Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company—em reconhecimento de um seculo de progresso provado pela exposição adelantada dos productos Remington-UMC.

Esta é apenas uma das muitas honras concedidas ás armas e munições Remington-UMC nos ultimos cem annos. Mas a maior honra que a Remington-UMC possui é a augmentada e emmanha demonstrada pelos caçadores e atiradores por todo o mundo sobre os rifles, espingardas e cartuchos da marca Bolla Vermelha.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Co.  
 P.O. Box 200, Woolworth Bldg.  
 Nova-York, EE. UU.

**SELLOS DE CORREIO**  
 CATALOGO GRATIS E FRANCO  
 Remittam-se Folhas para escolher  
**POULAIN FRÈRES**  
 44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

Trabalhos de Zincogravura,  
 Fotogravura, Stereotipia, Im-  
 pressão e Composição

Fazem-se nas

**OFICINAS**

DA

**Ilustração Portuguesa**

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes aos preços modicos e com inexcedivel perfeição

Zincogravura e Fotogravura em zincos simples de 1.ª qualidade, cobreado ou nikelado. Em cobre, a cores, pelo mais recente processo — o de tricromia. Para jornaes com tramas espedraes para este genero de trabalhos.

Stereotipia de toda a especie de composição. Im-  
 pressão e composição de todo o genero de revistas, catalogos, Illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite. Impressão a ouro, prata reliefs, etc., etc.

**RUA DO SEculo, 43 — Lisboa**



*Come bem, dorme bem e anda sempre alegre e feliz, porque fuma entre dois charutos as cigarilhas aromáticas e medicinaes, extra elegantes.*

## BELSAUDE

Com sêlo VITERI

*Usadas pelas senhoras elegantes porque perfumam o halito e evitam a carie dentaria. Usadas pelos cantôres, prégadores, actôres e oradores, porque fortalecem as cordas vocaes e aclaram a voz.*

**COMBATE A ACÇÃO NOCIVA' DA NICOTINA**

Pedidos ao

DEPOSITO CENTRAL:

**Vicente Ribeiro & C.<sup>a</sup>**

Sucessor JOÃO VICENTE RIBEIRO JUNIOR

**84, Rua dos Fanqueiros, 1.º, D.º**